

# YOUNG CHORISTERS, 650-1700: ENTRE VOZES E SILENCIAMENTOS

YOUNG CHORISTERS, 650–1700: BETWEEN VOICES AND SILENCES

Anderson Carmo de Carvalho  
PROPED-UERJ

## Resumo

Em 2008, Susan Boynton e Eric Rice publicaram uma coletânea com 12 artigos de diferentes musicólogos. O livro, intitulado *Young Choristers, 650-1700*, explora a vida de jovens cantores de corais eclesiais na Europa, entre os anos de 650 e 1700. A obra apresenta um panorama inédito sobre a administração, o ensino, a educação musical, a rotina, a performance e as concepções de infância associadas a uma prática que atravessou séculos em diversos países do continente. Embora cada região apresentasse características próprias, a abordagem comparativa revelou pontos em comum dessa tradição, reforçando a compreensão da infância como fenômeno plural, não redutível ao singular. O tema do livro fomenta reflexões sobre a relação das crianças e o ensino-aprendizagem de artes, sobre o uso de fontes no campo da historiografia das infâncias, sobre a presença das crianças na cultura e como os adultos criam imagens de infâncias a partir das ideias e conceitos que elaboram sobre as crianças.

## Palavras-chave:

Educação musical; coral infantojuvenil; história da música; história da educação musical; história da educação.

## Abstract

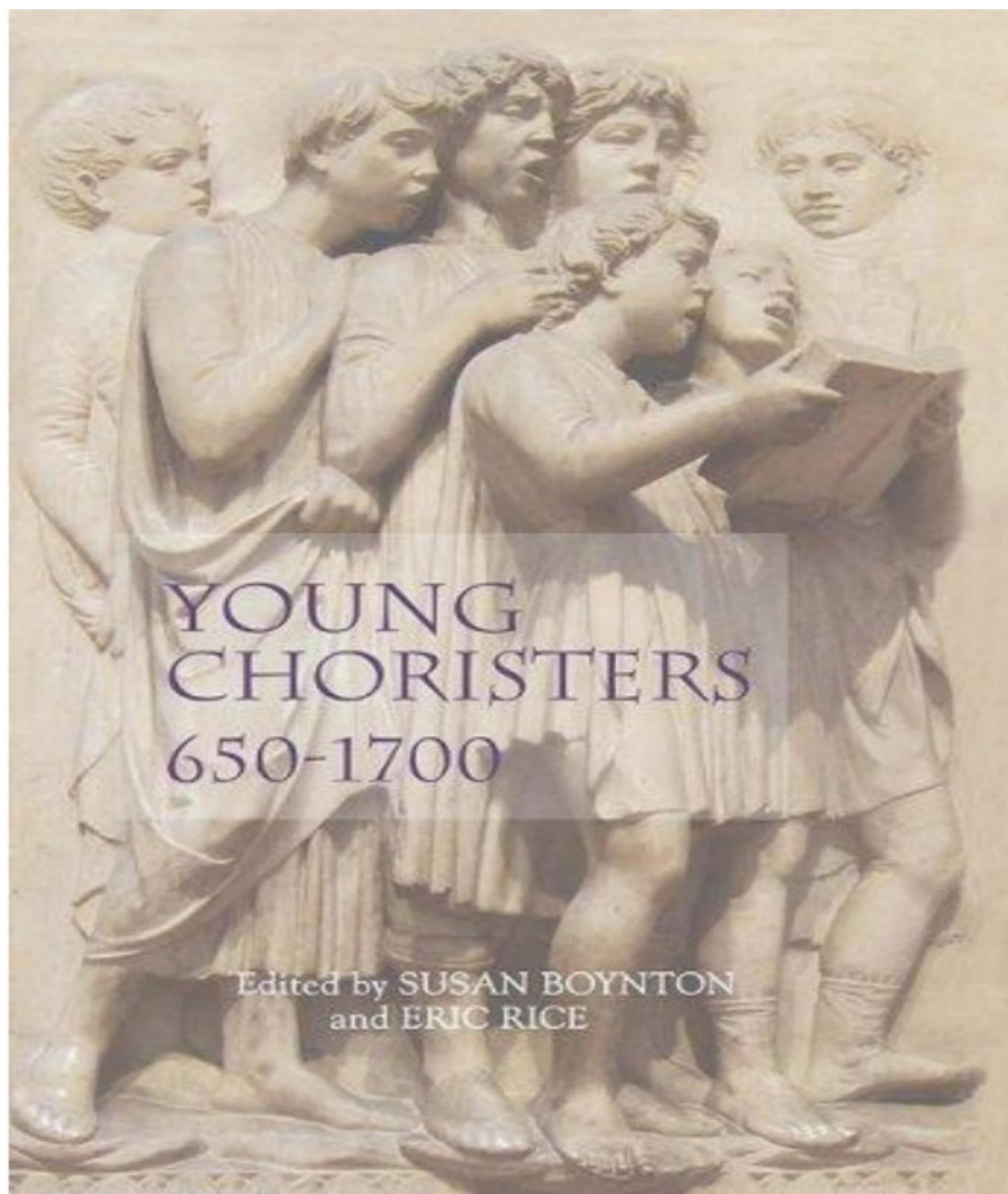
In 2008, Susan Boynton and Eric Rice published a collection of 12 articles by different musicologists. The book, entitled *Young Choristers, 650-1700*, sought to explore the lives of young church choir singers in Western Europe between 650 and 1700. The work presents an unprecedented overview of the administration, teaching, musical education, routine, performance, and conceptions of childhood associated with a practice that spanned centuries in various countries on the continent. Although each region had its own characteristics, the comparative approach revealed commonalities in this tradition, reinforcing the understanding of childhood as a plural phenomenon that cannot be reduced to the singular. The book's theme encourages reflection on the relationship between children and arts education, on the use of sources in the historiography of childhoods, on the presence of children in culture, and on how adults create images of childhood based on the ideas and concepts they develop about children.

## Keywords:

Music education; children and youth choir; music history; history of music education; history of education.

## RESENHA DA OBRA

BOYNTON, Susan; RICE, Eric (ed.). **Young Choristers, 650-1700**. Martlesham, Suffolk, Inglaterra: Woodbridge, Boydell Press, 2008.



## O LIVRO, EM ANDANTE

A obra *Young Choristers, 650-1700*, organizada por Susan Boynton e Eric Rice (Woodbridge, Boydell Press, 2008) é uma coletânea extensa, fruto do esforço de diversos musicólogos que, a partir de uma ampla variedade de fontes históricas, buscam interpretar evidências do passado com o objetivo de desvendar, contextualizar e problematizar a vida de jovens coristas eclesiásticos, atores centrais de uma tradição musical secular. Neste texto, apresento os capítulos tomando como referência os países onde as atividades eram realizadas; na sequência, destaco dois artigos que tratam da educação de meninas, e, posteriormente, comento o capítulo dois, que considero o mais aprofundado no campo das metodologias em Educação Musical. Por fim, teço uma análise da coletânea em seu conjunto. Incluo nas notas de rodapé links para gravações e exemplos sonoros mencionados ao longo da resenha e, adicionalmente, disponibilizo todos esses materiais em uma pasta na nuvem, de modo a possibilitar que a leitura seja também uma experiência auditiva.<sup>1</sup>

Os capítulos um e doze abordam a vida de jovens coristas em Roma. O primeiro foi escrito pelo musicólogo Joseph Dyer, é um estudo sobre como era a rotina dos coristas na *Schola Cantorum*, uma instituição voltada à formação de cantores para o serviço litúrgico. A escola também funcionava como orfanato, assim como era mantida pela oblação<sup>2</sup> de meninos. Dyer descreve o surgimento de evidências documentais sobre os meninos, seus papéis na liturgia, e como se organizavam nas carreiras clericais de Roma. Também esclarece sobre a fundação do orfanato romano, de influências bizantinas, que seguiu o modelo do *Orphanotropheion de Constantinopla*. O autor ressalta que foi na *Schola Cantorum* onde foram educados os papas Gregório I (540-604) e o Papa Sérgio I (687-701), demonstrando que a Educação Musical por meio do canto litúrgico era um pilar de formação clerical em Roma.

No capítulo doze, o musicólogo Noel O'Regan analisa a vida de jovens coristas também em Roma, descrevendo suas rotinas em basílicas (como São Pedro), igrejas paroquiais, confrarias, colégios e orfanatos que recrutavam crianças para o serviço musical entre os séculos XVI e XVII. O autor mostra que os meninos participavam de treinos diários

e intensos, destinados a garantir um alto nível performático. A educação musical era avançada e abrangia o cantochão, a polifonia, o *alla mente* (contraponto improvisado), a leitura à primeira vista, a teoria musical e os *passaggi* (ornamentos vocais). O texto também aponta a presença dos *castrati*<sup>3</sup> em Roma: a prática da castração era vista como um recurso para preservar a voz aguda no serviço litúrgico das capelas, prolongando a carreira de meninos talentosos. Os capítulos refletem sobre o paradoxo entre a consagração da performance e a exploração da infância, marcada por contratos rigorosos de trabalho e educação, uso exaustivo da voz e intenso controle institucional, justificado pelo acesso à educação, à busca incessante por prestígio cultural e pela promessa de ascensão social.<sup>4</sup>

Os capítulos quatro e dez, tratam de práticas na Inglaterra Medieval. O capítulo quatro examina os papéis de meninos cantores no drama religioso na Inglaterra entre 1400 e 1600. O musicólogo Richard Rastall, por meio de registros financeiros, descreve que a produção de teatro era constituída por atores crianças e adolescentes, iniciantes ou experientes, desempenhando papéis de anjos, mulheres, crianças inocentes ou jovens. Além do estudo em Latim, a educação musical e teatral incluía a interpretação, o treinamento vocal polifônico, a leitura musical, o treinamento da oratória, a leitura da língua e a disciplina coral. O canto dos meninos, além de serem atores mais baratos, era percebido como símbolo de pureza, associando sua voz e aparência angelical às dimensões espirituais da encenação litúrgica.

Ainda na Inglaterra, entre 1500 e 1560, no capítulo dez do livro, a musicóloga Jane Flynn analisa e propõe interpretações sobre a trajetória dos jovens Thomas Whythorne e Thomas Mulliner, sendo este último, provavelmente, também aluno do mestre John Heywood.<sup>5</sup> Por meio de fontes históricas como manuscritos musicais (*Mulliner Book*),<sup>6</sup> registros autobiográficos, documentos de catedrais, contratos de aprendizagem, tratados e literatura contemporânea sobre o ensino de música no século XVI, a pesquisadora demonstra que, na Inglaterra Tudor, a transição do menino de coro para jovem aprendiz após a muda vocal não era apenas um 'fim' de carreira. Tratava-se, antes, da possibilidade de continuidade em uma formação profissional abrangente, na qual música, teatro, poesia e gramática se integravam e abriam

caminho para uma trajetória promissora na vida adulta. No capítulo, as fontes evidenciam que os aprendizes seguiam regras austeras, aprendiam *pricksong* (canto de polifonia escrita), *faburden* (técnica inglesa de improvisar harmonizações a três vozes sobre um cantochão),<sup>7</sup> *descant* (adição de uma voz superior improvisada sob o cantochão), execução de alaúde, órgão e *virginals* (instrumento de teclado da família do cravo), além de gramática latina. Também tinham obrigações diversas como auxiliar o mestre, copiar música, instruir coristas mais jovens, cuidar dos órgãos e até participar de desfiles cívicos e festividades teatrais. Nos dois capítulos, os autores demonstram o quanto os meninos cantores foram fundamentais na configuração, tanto no teatro religioso inglês, quanto em atividades culturais diversas dessas comunidades. Foram atores fundamentais da cultura artística de um tempo, conhecimento pouco explorado quando se fala da história das artes.<sup>8</sup> Rastall é um dos poucos a utilizar um registro bibliográfico na coletânea. Importante ressaltar o paradigma que Flynn aborda acerca da tragédia da muda vocal (geralmente mencionada como evento de reclusão, exclusão ou expulsão), quando então elenca que no caso inglês, haviam estratégias de continuidade após os efeitos dessa maturação fisiológica.

As partes seis, sete e oito são escritas a partir de atividades de jovens coristas no da França. No capítulo seis, Andrew Kirkman trata das práticas em Saint-Omer na Baixa Idade Média. Nos capítulos sete e oito, Alejandro Planchart descreve a rotina e o papel dos coristas na Catedral de Notre-Dame e colegiadas no século XV, e Sandrine Dumont realiza um estudo socioantropológico da *maîtrise* (Escolas de Música) da Catedral de Notre-Dame após o Concílio de Trento (século XVI), ambos na cidade de Cambrai (fronteira com a Bélgica). O que se pode extrair de comum entre os escritos é que esses grupos musicais possuíam significativo valor para as atividades litúrgicas, como missas, vésperas, festas solenes, comemorações, dramas litúrgicos e encenações religiosas, além de cerimônias privadas contratadas. Geralmente, eram responsáveis pelas linhas agudas do contraponto polifônico, muitas vezes sustentando a beleza sonora associada à inocência infantil, papel extremamente importante para a imagem que a Igreja desejava transmitir nas cerimônias.<sup>9</sup>

Por esses passos, os autores demonstram como o símbolo da criança foi utilizado no ideal cristão por meio das dicotomias entre o profano e o sagrado, a pureza e o pecado, a obediência e a autonomia, o som e o silêncio. A criança imaginada é, certamente, um marco dessa tradição milenar, e os autores evidenciam com clareza a dimensão dessa prática educativa.

Em todos os casos, os meninos eram recebidos entre 7 e 10 anos, vivendo em regime rígido de internato, em contato restrito com seus familiares. Eram acompanhados pelo *magister puerorum* (mestre), vivendo uma rotina de horas de estudo de música, instrução em leitura, escrita e moral religiosa, altamente regimentada por oração, ensaios, ofícios, aulas de latim, refeições supervisionadas e pouco tempo livre. Além disso, diversos registros sugerem que as punições físicas por parte dos mestres eram consideradas algo normal e necessário. Outro tema da tradição francesa de corais infantojuvenis que emerge nos três capítulos é a *defectus vocis* (muda vocal). Ela se apresenta como um momento decisivo que definia o futuro dos meninos: alguns tornavam-se *petits vicaires* (cantores adultos de apoio), outros recebiam bolsas de estudo em universidades (Paris, Louvain, Colônia) e alguns ingressavam em ordens religiosas. A muda vocal provavelmente era um momento de muita dor e incerteza para muitos jovens cantores, pelo sentimento de perda ou de “castração” social que a mudança fisiológica causava, na medida em que essa também poderia mudar o status social do jovem cantor.

No capítulo cinco, Juan Jiménez analisa a participação dos *mozos* (rapazes coristas geralmente ligados ao cantochão) e dos *seises* (sexteto seleta e especializado na polifonia) na vida musical da Catedral de Sevilha entre os séculos XV e XVI. O autor observa que foi durante o século XV que ocorreu a especialização do grupo polifônico, assim como o cargo de *magister puerorum* (mestre dos meninos, responsável por ensinar canto e gramática, além de cuidar da saúde, alimentação e moradia), documentado em 1419 e consolidado por bulas papais, como as de Eugênio IV (1439) e Nicolau V (1454). Apesar de não haver fontes que registrem as metodologias de ensino adotadas, sabe-se que os meninos estudavam cantochão, polifonia, contraponto e composição. Eram partícipes fundamentais nas atividades litúrgicas, em cerimônias, missas, ofícios e procissões,



encenando, dançando e cantando tanto monodia quanto polifonia, assim como em cerimônias votivas, fundações privadas e rituais fúnebres, garantindo renda extra para a manutenção do grupo. O texto detalha um sistema de bolsas de estudos para quando a voz dos meninos mudava. A Catedral de Sevilha serviu como um centro de excelência que formou compositores famosos. O modelo de educação de jovens coristas de Sevilha contribuiu para a vida musical religiosa e também projetou carreiras de músicos importantes na Espanha renascentista.

Na unidade nove, escrito pelo maestro coral e musicólogo Eric Rice, também organizador da coletânea, há um estudo sobre a *Marienkirche de Aachen* (Igreja de Santa Maria), na Alemanha.<sup>10</sup> O texto mostra como a educação musical e a performance dos meninos de coro estavam diretamente ligadas ao sistema de doações memoriais. O desejo dos doadores de garantir missas por suas almas impulsionou a criação de bolsas de estudo que possibilitaram aos jovens cantores transitar do serviço coral para a vida universitária. O autor interpreta as fontes sugerindo que, em Aachen, a música funcionava simultaneamente como devoção, arte e mecanismo de mobilidade social para os jovens coristas. Assim, homens investiam seus recursos tanto para assegurar o bem-estar espiritual após a morte quanto para garantir a continuidade de uma tradição musical. Os dois autores descrevem a consolidação das *maîtrises* como símbolos de prestígio urbano e eclesiástico. Sevilha investia recursos vultosos na formação e manutenção dos *seises* e em Saint-Omer, os meninos eram um espetáculo de fé e status social que compunha o imaginário do esplendor sagrado. Essas duas experiências, apesar de esplendorosas, de alguma forma parecem ofuscar experiências próprias da infância.

Os capítulos três e onze tratam do ensino de jovens meninas e suas rotinas educacionais em espaços eclesiásticos. No capítulo onze, Colleen Reardon descreve e analisa a educação musical das meninas, futuras freiras, em conventos femininos de Siena, na Itália, entre os séculos XVII e XVIII. As *educande* (meninas) eram recebidas a partir dos 7 anos de idade e podiam permanecer como pensionistas até o casamento ou seguir como noviças ao professar votos. Segundo Reardon, a experiência musical no convento poderia ser

encarado como elemento de prestígio e caminho de formação cultural para mulheres, já que não havia outros espaços públicos acessíveis para a atuação da alma feminina. A formação musical iniciava com *laude* (cantos devocionais simples), uníssonos e memorizados, que compunham encenações e procissões. O ensino podia ser dado por freiras especializadas ou por mestres externos autorizados que treinavam as meninas em solfejo, contraponto e polifonia. Já no capítulo três, Anne Bagnall Yardley investiga a educação musical de meninas em conventos ingleses medievais, destacando o aprendizado do canto e da leitura. A música era essencial para o ofício divino, e o canto litúrgico constituía a principal forma de letramento litúrgico e musical. A educação musical era composta do uso da mão guidoniana,<sup>11</sup> da composição de cânticos e de exercícios vocais que exploravam escalas, intervalos e mutações de hexacordes, funcionando como aquecimento vocal e treino de memória. Certamente, Colleen Reardon e Anne Bagnall Yardley trazem uma importante contribuição para o campo desse estudo quando investigam e somam as mulheres a essa rede cultural de fazer música. Seus escritos demonstram em comum o papel das meninas como guardiãs da tradição musical e mediadoras do sagrado, mas também revelam o quanto essa participação estava condicionada pela autoridade masculina e pela clausura, a retidão, a obediência e diferente dos meninos, não serviria como profissão musical, apenas como devoção. Reardon tem seu objeto de investigação no século XVII, já Yardley, entre os séculos XIII e XVI, e pouco se vê a jovem mulher autônoma e livre, mesmo que em tempos díspares. Entretanto, é relevante que *Young Choristers, 650-1700* tenha incluído as meninas nos saberes sobre esse importante tema, tradicionalmente descrito na atuação com garotos.

O capítulo dois, escrito por Susan Boynton, trata da educação musical dos meninos cantores (*oblato*) em mosteiros e catedrais medievais como membros essenciais da comunidade monástica, que subordinados aos serviços litúrgicos, recebiam da Igreja: moradia, alimentação e instrução. Os meninos participavam diariamente do Ofício Divino e da Missa, exercitando cantos, responsórios, antifonas e leituras, com distinções de dificuldade segundo idade e experiência. O *armarius* (bibliotecário e mestre da escola) era responsável pela educação dos *oblato*, organizando o estudo e

o *succentor* (assistente do precentor) cuidava do ensino prático de canto. O capítulo também aborda a *Boy Bishop* (Festas do Menino-Bispo), cerimônia em que um corista era nomeado bispo por um dia. Eles dirigiam partes da liturgia, simbolizando inversão hierárquica e um possível protagonismo infantil. Textos sobre os costumes monásticos, escritos pedagógicos com comentários e tratados musicais, sugerem que a alfabetização era realizada por meio da música, além disso a educação musical dos meninos era composta por cantos de gêneros simples e também complexos. Os estudos incluíam ensaios supervisionados, prática de memorização e leitura silenciosa de salmos/hinos. Tendo como metodologia a memorização da tradição oral e a leitura de textos pedagógicos, esses estudos introduziram sistemas de notação e solmização<sup>12</sup> que facilitaram a aprendizagem do canto. Dentre os métodos utilizados, também constava os trabalhos pedagógicos de Guido d'Arezzo.<sup>13</sup> Boynton realiza uma escrita que tece a pesquisa documental, a análise musicológica e perspectiva histórico-pedagógica. Descreve que o ensino musical estava atrelado ao controle dos corpos, por meio de uma tradição educativa, espiritual e performática baseada na virtuosidade<sup>14</sup>. Ela analisa detidamente as práticas de ensino em música. De outro modo, a leitura deste capítulo, nos conduz ao exame da oblação, entendida como um possível ato de violência institucional simbólica que, disfarçada de caridade, era também uma estratégia política de manutenção e submissão a um sistema milenar, responsável por regular uma cosmovisão de mundo mediada pela religião.

## APONTAMENTOS, EM ADAGIO

O livro *Young Choristers, 650-1700* é uma coletânea que, a partir de múltiplas fontes históricas, traça um amplo panorama da tradição dos corais infantojuvenis na Europa Ocidental, oferecendo um rico conjunto de informações sobre a educação e a organização dos coristas na Idade Média e no início da Idade Moderna. As investigações apresentadas são consistentes e revelam, também por meio das notas de rodapé, uma rede sólida de estudos construída ao longo de décadas por musicólogos e historiadores dedicados à música medieval e à infância.

A obra oferece contribuições significativas a três

campos de pesquisa. Primeiro, à Historiografia das Infâncias, ao extrair dos registros arquivísticos relatos sobre a vida das crianças nesse período e ao examinar fontes que constroem um repertório de imagens e representações das infâncias a partir de uma prática musical secular. Ademais, a obra reforça a compreensão da infância como fenômeno plural, ao evidenciar as distintas características de cada instituição analisada, mesmo quando inseridas em uma prática cultural controlada e normatizada por uma instituição única, de tradição rígida e dogmática. Segundo, à História da Educação e a Educação Musical, ao descrever métodos de ensino e aprendizagem voltados a crianças e jovens em instituições diversas (mosteiros, catedrais, igrejas colegiadas, igrejas paroquiais, seminários e orfanatos), bem como ao evidenciar rotinas e performances infantojuvenis inseridas na produção cultural europeia (música e teatro), de meninos e meninas. Não menos pertinente, o panorama historiográfico revela as origens de importantes tratados, além de métodos de ensino e práticas vocais que ajudaram a moldar a música ocidental e o ensino da arte coral.<sup>15</sup> O livro também demonstra como o advento da polifonia, junto ao fato das mulheres não poderem compor o canto litúrgico, possibilitou que as crianças, detentoras de tessituras agudas, fossem incorporadas às práticas educacionais e culturais da música sacra. Uma outra contribuição seria à História da Música, ao dar visibilidade às crianças, sujeitos raramente lembrados pelos compêndios tradicionais do tema. Dessa forma, a obra borra a narrativa centrada em figuras excepcionais, como a infância de Mozart,<sup>16</sup> ou nas instituições corais, eclesiásticas medievais e renascentistas, geralmente analisadas a partir da conexão entre orfandade, instituições religiosas e a escolarização musical. As crianças permanecem, em grande medida, ausentes dos livros e compêndios de História da Música, e esta coletânea se destaca como uma das raras publicações dedicadas a explorar as relações entre história, música e infância no eixo ocidental. É preciso destacar, na história da música, a qualidade artística excepcional desses corais,<sup>17</sup> cuja excelência coletiva, própria de uma prática musical de conjunto, frequentemente acaba por ocultar as individualidades que os constituem, sobretudo as crianças, sujeitos tantas vezes marginalizados.

Sobre a pesquisa historiográfica, alguns pontos são

pertinentes. O livro aborda uma significativa faixa geográfica da Europa e um extenso período histórico. Portanto, é relevante a intenção dos organizadores em buscar não uniformizar a experiência. Contudo, é pertinente ressaltar que trabalhos que tratam de fenômenos da história por meio da longa duração (Braudel, 1965) são frequentemente contestados pelo fato de reduzir a ação humana e invisibilizar os sujeitos (Certeau, 2017). Com isso, e também pela escassa presença de fontes autobiográficas, o livro tem maior proximidade com a instituição do canto coral educacional do que com a memória de seus jovens cantores.

Em outro aspecto da discussão, o campo da(s) História(s) da(s) Infância(s)<sup>18</sup> já estabeleceu bases para além do paradigma de uma infância universal e a publicação dialoga com essa interpretação. São múltiplas as obras que refutaram as teses de Ariès (2006),<sup>19</sup> de que não havia a ideia de infância antes da Idade Moderna, e que havia pouco ou nenhum sentimento e afeto pelos pequenos. Autores como Postman (1999), Pollock (1983), Shahrar (1992), Hannawalt (1993), Ryan (2013)<sup>20</sup> e, especialmente, Heywood (2004, 2010) apoiaram-se na consideração de compreender a infância na pluralidade do tempo e do espaço. Além disso, outros trabalhos ressignificaram o tema em medidas não euro-americanas e de significativa visibilidade às crianças quando da escrita historiográfica (Heywood, 2012; Fass, 2013. Aderinto, 2015).<sup>21</sup>

O editorial de 2020 da *The American Historical Review* publicou uma seção *AHR Exchange*<sup>22</sup> com a participação de seis historiadores da infância, o que evidenciou que a área não é um campo novo, mas ainda é marginalizado pelos pares. Na publicação, Sarah Maza (2020) inicia o debate e argumenta que parte do problema das investigações não é a falta de fontes, mas sim a identidade transitória das crianças, que quando aparecem, são quase sempre mediadas por vozes adultas. A publicação contribui para pensar o modo como compêndios de história sobre as crianças no passado devem ser descritos *com elas*, ou seja, deslocar a história das crianças para história *por meio* das crianças, tratando-as não como símbolos ou objetos, mas como atores sociais e sujeitos históricos que intervêm, em alguma medida, na produção de cultura(s) e nas relações sociais.

Tendo essas considerações sobre coletas

historiográficas nesse campo, *Young Choristers, 650-1700* é uma coletânea essencial por seu ineditismo, entretanto, ainda espelha um apanhado histórico adultocêntrico, onde, em significativa medida, são silenciadas as vozes das crianças e jovens. Em seu prefácio, os organizadores anunciam a dificuldade de encontrar testemunhos em primeira pessoa de jovens coristas ou mestres de capela. É fato que as crianças pouco deixaram registros sobre suas perspectivas (Heywood, 2004), entretanto é preciso problematizar como se lê a fonte histórica e quais aspectos são possíveis capturar desses objetos que liguem o passado ao conhecimento do presente quando se tratam das crianças (Mintz, 2020; Sandin, 2020).

Embora o livro trate de crianças e adolescentes cantores que passaram parte significativa de suas vidas utilizando suas vozes para fazer arte, e de crianças que foram ouvidas por diversos públicos durante suas vidas, as evidências históricas, ainda que abundantes, silenciam as próprias interpretações dos jovens cantores sobre a experiência de viver nessas enrijecidas engrenagens clericais. Por isso, no decorrer dos artigos, apesar da significativa quantidade de traços do passado, pouco conseguimos ouvir os meninos e meninas falando de si, de seus sentimentos e visões de mundo. Persistem nas fontes, as marcas de uma infância submetida à ausência da família, a dor da muda vocal, a castração física e emocional, à reclusão, às violências físicas acompanhadas de possíveis abusos sexuais<sup>23</sup> e institucionais, o apagamento e a repressão ao amor hétero e homoafetivo, às longas horas de ensaio e à cobrança incessante pela performance impecável e *angelical*, ou seja: o controle adulto sobre os corpos infantis em nome da educação, da estética da arte e da purificação da alma.

Maza (2020, p. 1263) enfatiza que a “criança imaginada” (figura simbólica, cultural e política que os adultos produzem e manipulam) é um símbolo poderoso. No caso dos jovens cantores eclesiais, eles simbolizavam algo caro para a igreja: a submissão, a obediência e o ideal de inocência e pureza. Tais premissas estão intimamente ligadas ao ideal religioso e ao contexto de uma filosofia baseada no temor a Deus. A infância pretérita distingue-se de forma significativa da contemporânea; todavia, o conceito de “criança-aluno” (Boto, 2002, p. 28), entendido como sujeito

"incompleto" (Sarmiento; Pinto, 1997, p. 3), e a ideia da criança como um "vir a ser" (Corsaro, 2011, p. 19) continuam a persistir no imaginário coletivo atual, fomentados pelo binarismo entre crianças e adultos.

Como último aspecto emergente, esse tipo de literatura científica, que envolve descrição de processos de ensino e aprendizado em artes no passado, nos provoca a refletir como pensamos as relações entre adultos e crianças nas rotinas escolares formais e não formais hoje. Como fomos ensinados e como lecionamos. Como concebemos e praticamos a relação intergeracional. De que forma a busca pelo virtuosismo se apresenta nas práticas em Arte-Educação. Trabalhos em Educação Musical, como os de Boynton e Kok (2006) e Campbell e Wiggins (2013), vêm investigando as crianças na diversidade das culturas a partir do protagonismo de suas práticas. Outros como Carvalho (2020; 2022), Madalozzo e Madalozzo (2021) e Brito (2025) (sobre a prática coral com crianças), também têm se apoiado em perspectivas que escutam o fazer musical das infâncias por uma chave epistêmica distinta, na qual as crianças não são participantes passivos do processo de fazer música. Em contraste às abordagens pretéritas que concebiam as crianças como meras receptoras e reprodutoras das artes, o ensino de música tem cultivado a cultura das infâncias, reconhecendo-as como agentes ativos da sociedade. As crianças possuem voz, portanto, não se trata de conceder voz a elas, mas de impedir que a escuta adulta as silencie. O ensino de música deve ser feito *com* as crianças (Carvalho, 2025, p. 10).

Em suma, *Young Choristers, 650-1700* representa um marco divisor de águas para o campo das relações entre crianças, música e história do Ocidente. Trata-se de um compêndio de grande relevância para arte educadores, pois reúne informações inéditas e abordagens inovadoras sobre o tema, contribuindo para os campos da História da Infância, da História da Educação, da Educação Musical e da História da Música Ocidental. Os artigos evidenciam as tensões que atravessam a experiência infantil: entre o cuidado e a disciplina rígida, entre a educação e a exploração, entre o rigor historiográfico e o silenciamento das vozes infantis nas fontes. Além disso, a obra fomenta a discussão sobre as possibilidades de recuperar as perspectivas das crianças na historiografia das infâncias. Mais do que

um estudo sobre a história da música, a coletânea convida à reflexão sobre o lugar das vozes infantis e a necessidade de uma escuta sensível dos adultos nas práticas educativas com crianças. Ao iluminar os modos como diferentes épocas construíram ideias, valores e lógicas sociais, o livro nos leva a reconhecer que nossas formas de pensar e educar pela arte não são naturais nem imutáveis, mas escolhas culturais e históricas, sujeitas à crítica e sempre abertas à revisão. É fato que as crianças possuem uma estrutura biopsicofísica diferente dos adultos, entretanto, o modo como lidamos com isso, é cultural (Carvalho, 2025). Desse modo, a coletânea se afirma como uma fundamental obra historiográfica, e se torna um ponto de partida para investigações que busquem ampliar o reconhecimento da agência infantil na(s) história(s) da música e seus ensinamentos.

## REFERÊNCIAS

- ADERINTO, Saheed (org.). **Children and Childhood in Colonial Nigerian Histories**. New York: Palgrave Macmillan, 2015.
- ALCUBIERRE, Beatriz; SOSENSKI, Susana. **Historia mínima: Las infancias en México**. Ciudad de México: El Colegio de México, 2024.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- BLACKING, John. **Venda Children's Songs: a study in ethnomusicological analysis**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- BOTO, Carlota. O desencantamento da criança: entre a Renascença e o Século das Luzes. In: FREITAS, Marcos Cezar de; KUHLMANN JR., Moysés (org.). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 11-60.
- BOYNTON, Susan; KOK, Roe-Min. The Sociomusical Role of Child Oblates at the Abbey of Cluny in the Eleventh Century. In: BOYNTON, Susan; KOK, Roe-Min (org.). **Musical Childhoods and the Cultures of Youth**. Middletown, CT: Wesleyan University Press, 2006.
- BOYNTON, Susan; KOK, Roe-Min (org.). **Musical**



**Childhoods and the Cultures of Youth.** Middletown, CT: Wesleyan University Press, 2006.

BOYNTON, Susan; RICE, Eric (ed.). **Young Choristers, 650-1700.** Martlesham, Suffolk, Inglaterra: Woodbridge, Boydell Press, 2008.

BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais: a longa duração. **Revista de História**, São Paulo, v.30, n.62, p. 261-294, 1965. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/123422>>. Acesso em: 23 mar. 2025.

BRITO, Dhemy. **Polifonia e o direito de voz das crianças:** diálogos entre a sociologia da infância e a educação musical da infância. 2025. Tese (Doutorado em Estudos da Infância) – Universidade do Minho, Braga, 2025. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/94998>. Acesso em: 20 mar. 2025.

CAMPBELL, Patricia S.; WIGGINS, Trevor (ed.). **The Oxford Handbook of Children's Musical Cultures.** New York: Oxford University Press, 2013.

CARVALHO, Anderson Carmo. Música infantil. Dossiê Temático. Dossiê Infância Musicante: crianças interrogam a educação musical na contemporaneidade. **OPUS**, Vitória, v. 31, p. 1-29, 2025. Disponível em: <<https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/opus2025.31.21>>. Acesso em: 20 mar. 2025.

CARVALHO, Anderson Carmo de. **Música infantil:** um estudo sobre a produção musical para criança no Brasil por meio da Educação Musical e dos Estudos da Infância. Tese (Doutorado em Música), Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <<http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/13595>>. Acesso em: 22 mai. 2025.

CARVALHO, Anderson Carmo de. Sociologia da infância e Educação Musical: um encontro inevitável. **Anais do VI SIMPOM**, Rio de Janeiro, v.6, 2020. Disponível em: <<https://seer.unirio.br/simpom/article/view/10791>>. Acesso em: 20 mar. 2025.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 3. ed. Rio

de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

CHAMBOULEYRON, Rafael. Jesuítas e as crianças no Brasil quinhentista. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das crianças no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008.

COLUMBIA GLOBAL CENTERS. **Grasping and Understanding the B Minor Mass:** Bach's Chorus at the Forefront. Nova York: Columbia Global Centers, [2020]. Disponível em: <<https://globalcenters.columbia.edu/content/grasping-and-understanding-b-minor-mass-bachs-chorus-forefront>>. Acesso em: 30 mar. 2025.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância.** Tradução de Lia Gabriele Regius Reis. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FASS, Paula S. (org.). **The Routledge history of childhood in the Western World.** London: Routledge, 2013.

HANNAWALT, Barbara A. **Growing up in Medieval London:** The experience of childhood in history. New York: Oxford University Press, 1993.

HEYWOOD, Colin (ed.). **A cultural history of childhood and family in the Age of Empire.** New York: Bloomsbury Academic, 2012.

HEYWOOD, Colin. Centuries of childhood: an anniversary - and an Epitaph? **The Journal of the history of childhood and youth**, Santiago de Compostela, v.3, n.3, p. 341-365, 2010. Disponível em: <<https://muse.jhu.edu/pub/1/article/421950/summary>>. Acesso em: 2 mai. 2025.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância:** da Idade Média à época contemporânea no Ocidente. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MADALOZZO, Tiago; MADALOZZO, Vivian D. A. B. As culturas da infância na musicalização infantil: constelações em jogo. **RELAdEI revista latinoamericana de educación infantil**, Santiago de Compostela, v.10, n.1, p. 45-57, 2021. Disponível em: <<https://revistas.usc.gal/index.php/reladei/article/download/7790/11044>>. Acesso em: 14 mai. 2025.

MAZA, Sarah. The kids aren't all right: Historians and the problem of childhood. **American Historical Review**, Bloomington, v. 125, n. 4, p. 1261-1285, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1093/ahr/rhaa380>>. Acesso em: 23 mai. 2025.

MINTZ, Steven. Children's history matters. **American Historical Review**, Bloomington, v. 125, n. 4, p. 1286-1292, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1093/ahr/rhaa3822>>. Acesso em: 21 mai. 2025.

MORUZI, Kristine; MUSGROVE, Nell; PASCOE LEAHY, Carla (orgs.). **Children's Voices from the Past: New Historical and Interdisciplinary Perspectives**. Cham: Springer, 2019.

POLLOCK, Linda A. **Forgotten children: parent-child relations from 1500 to 1900**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

RELATÓRIO aponta 547 casos de violência infantil em coral católico alemão. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 de julho de 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/religiao/relatorio-aponta-547-casos-de-violencia-infantil-em-coral-catolico-alemao-21602828>>. Acesso em: 21 mai. 2025.

ROJAS FLORES, Jorge. **Historia de la infancia en el Chile republicano (1810-2010)**. 2. ed. Santiago de Chile: Junta Nacional de Jardines Infantiles/Ocho Libros, 2016.

ROUSSEAU, George S. 'You have made me tear the veil from those most secret feelings': John Addington Symonds amidst the children. In: ROUSSEAU, George S. (ed.). **Children and Sexuality: from the Greeks to the Great War**. Basingstoke/New York: Palgrave Macmillan, 2007.

RYAN, Patrick Joseph. **Master-servant childhood: a history of the idea of childhood in medieval English culture**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2013.

SANDIN, Bengt. History of Children and Childhood—Being and Becoming, Dependent and Independent. **American Historical Review**, Bloomington, v. 125, n. 4, p. 1306-1316, out. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1093/ahr/rhaa380>>. Acesso em: 23 mai. 2025.

[www.researchgate.net/publication/346352405\\_History\\_of\\_Children\\_and\\_Childhood-Being\\_and\\_Becoming\\_Dependent\\_and\\_Independent](https://www.researchgate.net/publication/346352405_History_of_Children_and_Childhood-Being_and_Becoming_Dependent_and_Independent)>. Acesso em: 23 out. 2025.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. **As crianças, contexto e identidades**. Braga: Universidade do Minho, 1997. Disponível em: <<https://pactuando.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/08/sarmento-manuel-10.pdf>>. Acesso em: 23 mai. 2025.

SHAHAR, Shulamith. **Childhood in the Middle Ages**. London: Routledge, 1992.

### Obras audiovisuais e musicais

CAPELA MUSICALE PONTIFICIA SISTINA. Sistine Chapel Choir - Topic [Canal do YouTube]. Vaticano. **YouTube**, 23 de dezembro de 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UC3u4SLuXqPcBjnWuVCPa59Q>>. Acesso em: 23 mai. 2025.

KING'S COLLEGE CHOIR. Allegri - Miserere mei, Deus (Choir of King's College, Cambridge) [Vídeo]. **YouTube**, 1 de novembro de 2013. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=IX1zicNRLmY&list=RDIX1zicNRLmY&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=IX1zicNRLmY&list=RDIX1zicNRLmY&start_radio=1)>. Acesso em: 23 mai. 2025.

KING'S COLLEGE CHOIR. Ave Verum Corpus, Byrd (Choir of King's College, Cambridge) [Vídeo]. **YouTube**, 25 de abril de 2014. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=IrQzWuK7XY4&list=RDlrQzWuK7XY4&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=IrQzWuK7XY4&list=RDlrQzWuK7XY4&start_radio=1)>. Acesso em: 23 mai. 2025.

MAÎTRISE DE TOULOUSE. Concert de la Maîtrise de Toulouse, Mark Opstad - "Motets pour les Maîtrises de France" [Vídeo]. **YouTube**, 24 de abril de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=J-zN2TNFq5I>>. Acesso em: 23 mai. 2025.

PCCB - Paris Children's Choir & Boys' Chorus. Baudoin Aube - Greensleeves - Seoul Arts Center, Korea, 2011 [Vídeo]. **YouTube**, 2 de janeiro de 2013. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=07Sqf4TLQnI&list=RD07Sqf4TLQnI&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=07Sqf4TLQnI&list=RD07Sqf4TLQnI&start_radio=1)>. Acesso em: 23 mai. 2025.

PCCB - Paris Children's Choir & Boys' Chorus. Nella Fantasia - Seoul Arts Center, Korea, 2011 [Vídeo]. **YouTube**, 2011. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=CgojxopWyFo&list=RDCgojxopWyFo&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=CgojxopWyFo&list=RDCgojxopWyFo&start_radio=1)>. Acesso em: 24 mai. 2025.

REGENSBURGER DOMSPATZEN. Singet dem Herrn [Vídeo]. **YouTube**, 15 de fevereiro de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rvuUfuwdlQs>>. Acesso em: 21 mai. 2025. WIENER SÄNGERKNABEN. "Laudate Dominum" - Wolfgang Amadeus Mozart [Vídeo]. **YouTube**, 2015. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=eGL6nfT6kY8&list=RDeGL6nfT6kY8&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=eGL6nfT6kY8&list=RDeGL6nfT6kY8&start_radio=1)>. Acesso em: 23 mai. 2025.

#### Notas

<sup>1</sup> Os exemplos musicais estão disponíveis em: <<https://drive.google.com/drive/folders/14BMeJaY61zS1hosDyWNUxU8mjCQhq52M?usp=sharing>>. Acesso em: 28 mai. 2025.

<sup>2</sup> Oblação (do latim *oblatio*, "oferta") era a prática medieval de dedicar crianças, geralmente ainda pequenas, à vida religiosa em mosteiros e catedrais. Entregues por suas famílias, essas crianças tornavam-se *oblati*, passando a viver sob a tutela das instituições e recebendo educação espiritual, musical e literária.

<sup>3</sup> Os *castrati* eram cantores masculinos submetidos à castração antes da puberdade, com o objetivo de preservar a voz aguda infantil em idade adulta. Essa prática, difundida sobretudo na Itália entre os séculos XVI e XIX, forneceu intérpretes de grande virtuosismo para o canto litúrgico e operístico. Alessandro Moreschi foi o último *castrati* da história, membro do Coro da Capela Sistina, ele foi o único cantor dessa categoria a ter sido gravado.

<sup>4</sup> *Sistine Chapel Choir*, coro oficial do Vaticano, responsável pela música nas cerimônias papais desde o século V. Considerado o mais antigo coro em atividade contínua no mundo, integra atualmente adultos (*cantori*) e meninos (*pueri cantores*) selecionados da *Scola Puerorum*, instituição formadora vinculada à Santa Sé (Capela Musicale Pontificia Sistina, 2013).

<sup>5</sup> John Heywood (c.1497-c.1580) foi um importante dramaturgo, poeta, músico e cantor inglês ativo no período da Inglaterra Tudor.

<sup>6</sup> O *Mulliner Book* (c.1545-1570) é um manuscrito inglês copiado por Thomas Mulliner, organista e mestre de canto. Conservado no British Library (Add. MS 30513), contém cerca de 121 peças, incluindo motetos, hinos, danças, canções morais e obras para teclado.

<sup>7</sup> Cantochão (do latim *cantus planus*, "canto simples"). Canto gregoriano ou outros cantos monódicos litúrgicos

da Igreja Ocidental. Caracteriza-se pela melodia em uníssono, sem acompanhamento instrumental e sem ritmo mensurado, tradicionalmente entoada em latim pelos meninos de coro.

<sup>8</sup> *Choir of King's College*, Cambridge, é uma das instituições corais mais reverenciadas da tradição anglo-saxônica. Fundado no em 1441, o coro mantém até hoje a missão original de cantar os ofícios litúrgicos diários na capela do *College*. Recomendo a escuta de *Ave Verum Corpus* de William Byrd (King's College choir, 2014) e *Miserere mei*, Deus de Gregorio Allegri (King's College choir, 2013), os dois do século XVII.

<sup>9</sup> Conferir o *Concert de la Maîtrise de Toulouse* (Maîtrise de Toulouse, 2021) e a performance do coral *Les Petits Chanteurs à la Croix de Bois*, sob solo de Baudouin Aube (PCCB, 2011). Posteriormente, pode-se observar o mesmo jovem corista após a muda vocal (PCCB, 2012).

<sup>10</sup> Na Alemanha, o *Regensburger Domspatzen* (Coro da Catedral de Regensburg) está em funcionamento desde o ano de 975, quando foi fundado pelo Bispo Wolfgang (Regensburger Domspatzen, 2019).

<sup>11</sup> A mão guidoniana foi um recurso pedagógico atribuído a Guido d'Arezzo (c.991-1033), utilizado no ensino do canto e da solmização medieval. Consistia na associação de cada articulação dos dedos da mão a uma nota musical do sistema hexacordal (*ut-re-mi-fa-sol-la*), permitindo aos mestres indicar visualmente os intervalos e orientar a memorização de melodias.

<sup>12</sup> A solmização é o método pedagógico de atribuir sílabas específicas às notas musicais para facilitar a memorização e a entoação correta. Introduzida por Guido d'Arezzo no século XI, utilizava as sílabas *ut, ré, mi, fá, sol, lá*, derivadas do hino a São João Batista (*Ut queant laxis*), servindo de base para o desenvolvimento posterior do sistema tonal.

<sup>13</sup> Guido d'Arezzo (ca.991-1033) foi um monge beneditino italiano. Reconhecido como um dos principais pedagogos musicais da Idade Média. É creditado como inventor da notação musical em pauta e do sistema de solmização, que revolucionaram o ensino do canto litúrgico.

<sup>14</sup> Ver também o artigo *The Sociomusical Role of Child Oblates at the Abbey of Cluny in the Eleventh Century*, de Boynton e Kok (2006).

<sup>15</sup> Vale apontar que compreender o ensino pelo canto e a inculcação de ideias como forma de educação na Europa, também nos faz pensar no modelo colonizador das Américas. O canto coral foi intensamente utilizado pelos colonizadores para o adestramento e a aculturação das comunidades indígenas sul-americanas quando da invasão europeia. Relatos podem ser lidos no Brasil (Chambouleyron, 2008), no Chile (Rojas Flores, 2016) e no México (Alcubierre, 2024).

<sup>16</sup> Wolfgang Amadeus Mozart (Salzburgo, 27 de janeiro de 1756 - Viena, 5 de dezembro de 1791) foi um compositor austríaco considerado um dos maiores gênios da história da música ocidental. destacou-se como uma criança excepcional: aos cinco anos

já compunha e, ainda na infância, realizou turnês europeias, tornando-se símbolo precoce de talento e educação musical. Sua precocidade tornou-se símbolo do ideal romântico de “criança prodígio”.

<sup>17</sup> Ver o *webinar* que trata do documentário sobre o concerto de encerramento do *Bachfest* de 2019, na igreja de São Tomás, em Leipzig, Alemanha. A *Opera Fuoco* apresentou a Missa em Si menor de Bach, cantando por um coro de meninos. O debate foi moderado por Susan Boynton (Columbia Global Centers, 2020).

<sup>18</sup> Historiadores se empenham em alcançar as crianças e suas falas por meio de micro-histórias, autobiografias e relatos da infância, ou mesmo, quando essas crianças já se tornaram adultos. Para isso, são utilizadas fontes fragmentadas como cartas, diários, desenhos e depoimentos (Moruzi; Musgrove; Pascoe Leahy, 2019). A coleção *Palgrave Studies in the History of Childhood* vem realizando estudos importantes no campo a partir de uma perspectiva epistemológica diferenciada sobre a pesquisa histórica e as crianças.

<sup>19</sup> Heywood (2004) acusa Ariés (2006 [1960]) de declarar não haver uma infância antes da Idade Moderna, por não considerar outras formas de criar imagens sobre as crianças. Shahrar (1992) descreveu sobre o amor materno e os cuidados com os bebês para refutar o historiador francês. Hannawalt (1993) compreende que a alta taxa de mortalidade não é indicativo de uma falta de sentimento de infância, como defendeu Ariés (2006).

<sup>20</sup> A tese de Patrick Ryan (2013) parece-me interessante se pensada na perspectiva do estudo sobre os jovens coristas. O autor defende que a infância deve ser estudada como uma estrutura de pensamento (discurso). Para ele, não é possível acessar a experiência “real” ou “pré-discursiva” da criança, pois toda percepção é mediada por estruturas de raciocínio e significado de cada época. Ryan afirma que o campo da História da Infância está preso em uma discussão cansativa sobre a obra de Philippe Ariés. Ele critica historiadores, como Pollack e Hanawalt, que tentam “provar” que os pais medievais amavam seus filhos ou que a infância sempre existiu como fase biológica, argumentando que isso impõe conceitos modernos, como “desenvolvimento” e “natureza vs. criação”, a um passado onde essas ideias eram estrangeiras. A tese central de Patrick Ryan é que a infância na Inglaterra medieval era compreendida através de uma hierarquia de mestre-servo (*master-servant*), inserida em uma correspondência entre a mudança terrena e a ordem eterna. Em vez de ver as crianças como indivíduos em desenvolvimento que negociam suas identidades, a tese do autor argumenta que elas eram parte de uma “cadeia de ser” onde o serviço era a forma fundamental de relacionamento social e espiritual.

<sup>21</sup> Aderinto (2015), de forma interessante, observa que o conceito ocidental de infância, especialmente o modelo europeu burguês, escolarizado, sentimentalizado, não se aplica de forma universal ao contexto nigeriano (e africano mais amplo), inclusive com relação às atividades de crianças junto a música. Sobre outras relações entre as crianças e a música, Ver também Blacking (1995). Ver também o debate escrito por Boynton e Kok (2006)

sobre as ideias de infâncias mediadas pela vida de jovens meninos cantores na Abadia de Cluny, França.

<sup>22</sup> É uma seção especial da revista *The American Historical Review* (AHR, editada pela *American Historical Association*), criada para promover debates entre historiadores sobre temas controversos, novas abordagens teóricas ou interpretações divergentes dentro da historiografia.

<sup>23</sup> Ver Rousseau (2007), que descreve um caso sobre esse tema. Ver também questões sobre esse tema ocorridas em *Regensburger Domspatzen*. O coral foi administrado por mais de 40 anos pelo irmão mais velho do Papa Bento XVI, o sacerdote Georg Ratzinger (Relatório, 2017).

## SOBRE O AUTOR

Anderson Carmo de Carvalho é pesquisador de pós-doutorado no PROPED/UERJ, doutor em Música pela UNIRIO (bolsista CAPES), mestre pela UFRJ e graduado em Pedagogia e Música (UERJ/UFRJ). Pesquisador no grupo de pesquisa NEPHE/UERJ - *Núcleo de Ensino e Pesquisa em História da Educação*, participante do Grupo de Estudos e Pesquisa *Sociologia da Infância e Educação Infantil* (GEPSI/USP) e do grupo *Música e Pensamento: fundamentos para uma poética da linguagem* (EM-UFRJ/IN-VERSOS). Elaborador do material Rioeduca da área de música da SME-Rio, onde atualmente também é professor de música. Sua pesquisa está voltada para a música feita para crianças no Brasil, suas histórias e compreensões. E-mail: andersonOcarm@gmail.com

Recebido em: 10/2/2025

Aprovado em: 30/5/2025